

Hélade Scutti Santos

*As construções argumentativas
como lugar de manifestação das
representações sobre argentinos,
espanhóis e brasileiros*

Universidade de São Paulo y University of
Illinois at Urbana-Champaign
heladess@gmail.com

Resumen En este trabajo se analizan enunciados producidos como respuestas a un cuestionario en el que aprendices de español como lengua extranjera de distintas instituciones de enseñanza del estado de São Paulo opinan y caracterizan a los brasileños, argentinos y españoles. En los análisis se han observado regularidades enunciativas en construcciones adversativas-concesivas, causales-explicativas y en la presencia de modalizadores y atenuadores para caracterizar a los tres grupos. Dichas regularidades permiten constituir familias parafrásticas en las que se evidencia la presencia de movimientos afectivos e ideológicos contrapuestos, de acercamiento y alejamiento, de elogio y crítica en las representaciones sobre sí mismos y sobre el otro. Se concluye que en las distintas construcciones argumentativas analizadas, más que en los adjetivos utilizados por los informantes, se manifiesta el imaginario de los estudiantes brasileños acerca de sí mismos y de dos grupos de hablantes de la lengua que están estudiando. Además, se formula la hipótesis de que el modo de representar el hablante de la lengua extranjera tenga un papel relevante en el aprendizaje de la misma.

Palabras clave: representación - argumentación - español - lengua extranjera

Abstract This article aims to analyze utterances produced by Brazilians studying Spanish as a foreign language, registered in different kinds of teaching institutions (language schools and colleges) in the state of Sao Paulo. These utterances were produced as answers to a survey with open-ended questions where students were asked to characterize and declare their opinions about Brazilians, Spaniards and Argentineans. The data analysis shows that it is possible to observe regularities in adversative and concessive, causative and explicative structures. These regularities allow us to group utterances into paraphrastic families in which opposed and conflicted ideological affective positions (resonances) of praise and criticism, avoidance and approach appear in the self and the other representations. It deals to the conclusion that the imaginary of Brazilian students about themselves and the Hispanic social groups considered here are more evident in the analyzed argumentative forms than in the adjectives used by the participants. Moreover, I hypothesize that the way students represent their own social group or social groups to which the learning language speakers belong may play a role in the language learning process.

Key words: representation - argumentation - Spanish - foreign language

Introdução

Vários são os estudos que consideram a influência de variáveis sócio-psicológicas na aprendizagem de uma segunda língua e como tais variáveis podem facilitar ou dificultar o processo de aprendizagem. Esses estudos também procuram verificar e discutir se o sucesso ou o fracasso do aprendiz estão relacionados a aspectos sociais ou psicológicos.¹ Entre os fatores sócio-psicológicos estão, além de outros, a percepção e as imagens que os aprendizes têm da sua língua materna, do grupo social a que pertencem, da língua estrangeira e de seus falantes.

A tentativa de estabelecer uma relação direta entre a proficiência na língua estrangeira e as imagens e atitudes dos aprendizes em relação à própria ou à segunda língua originou resultados contraditórios; já que o entorno lingüístico (bilíngüe ou monolíngüe), o modo de aprendizagem (natural ou formal) e o contexto em que se encontra o aprendiz (no seu próprio país ou sendo imigrantes no país onde se fala a língua que está aprendendo) também são relevantes para a velocidade de aprendizagem e o resultado final do processo. Contudo, embora não seja possível estabelecer uma relação direta entre proficiência e atitudes lingüísticas, ou mesmo precisar em que aspectos do processo de aprendizagem de uma língua estrangeira as variáveis sócio-psicológicas podem interferir, ou como interferem, há inúmeros pesquisadores espalhados por diversos países, trabalhando em diferentes linhas teóricas, que vêm estudando o papel de fatores sócio-psicológicos no contato com uma segunda língua. A maioria deles procura entender, não somente os processos cognitivos, mas como os afetos, a memória, as experiências, a/s identidade/s, a imaginação e o corpo também podem entrar em jogo durante a aprendizagem e o uso de uma segunda língua.

No Brasil, a Análise do Discurso (AD) tem tido grande importância para os estudos lingüísticos, a ponto de que também a área de aprendizagem de línguas

1. Boas revisões dos estudos feitos a partir de uma perspectiva cognitivista de aprendizagem de língua podem ser encontrados em Larsen-Freeman & Long (1994) e Siegel (2003).

estrangeiras tem se visto influenciada pela sua forma de interpretar a relação sujeito-linguagem.² O estudo que deu origem a este trabalho encontra-se sob esta área de influência. Parto da hipótese, apoiada sobre os pressupostos teóricos da linha francesa da AD, de que questões identitárias e afetivas podem incidir sobre a aprendizagem de uma língua estrangeira; já que, quando o sujeito se depara com uma outra língua —que não sua língua materna—, sua subjetividade fica afetada nesse encontro. As identidades sociais, culturais e lingüísticas são mobilizadas, questionadas e reconfiguradas. De acordo com Serrani (2003: 284), "Enunciar em línguas estrangeiras talvez seja uma das experiências mais visivelmente mobilizadoras de questões identitárias no sujeito"; isto porque, nesta experiência, "são solicitadas as bases mais antigas da estruturação subjetiva, isto é, daquilo que de uma história, que sempre é social, sedimenta na singularidade do sujeito" (Serrani, 2003: 285).

Sendo assim, o encontro com uma língua estrangeira tem como conseqüência o necessário encontro com o outro e com sua cultura, além de um particular encontro consigo mesmo, como outro, como visto de fora. Daí a importância, a meu ver, de analisar como se configuram as imagens do brasileiro sobre o outro —melhor dizendo, certos outros— da língua espanhola e as imagens sobre si mesmo, frente a este(s) outro(s).

Embora a complexidade do tema dificulte estabelecer relações diretas de causa e efeito ou fazer certas generalizações, procurei apontar caminhos, analisando enunciados em que estudantes de espanhol como língua estrangeira, de diferentes instituições, caracterizam e opinam sobre *argentinos*, *espanhóis* e *brasileiros*. Tais enunciados foram obtidos em questionários, nos quais se solicitava dos aprendizes que escrevessem livremente suas opiniões sobre cada um desses grupos sociais e suas respectivas variantes lingüísticas.³ Das respostas obtidas, são analisadas, neste trabalho, as construções sintático-enunciativas mais recorrentes e o modo como a argumentação constitui um lugar de manifestação das imagens e representações sobre o grupo de origem e os falantes da língua estrangeira.

O corpus foi formado a partir das respostas de estudantes de um curso livre de espanhol (cujos enunciados estão identificados por CL), de um curso de extensão de uma universidade pública (cujos enunciados aparecem identificados por CE), de alunos do primeiro ano de espanhol do curso de Letras de uma uni-

2. Vale a pena mencionar os trabalhos de Silvana Serrani (UNICAMP) e Maria Teresa Celada (USP), além de outros dois trabalhos que se relacionam diretamente com as discussões aqui feitas, e que também procuram estudar as várias relações do falante o do aprendiz com a língua espanhola e pensar em de que modo isso pode afetar sua aprendizagem e seu uso: Silva (2006) e Sousa (2007).

3. A pesquisa da qual este trabalho faz parte também analisou as imagens e representações sobre o *espanhol falado na Argentina*, o *espanhol falado na Espanha* e o *português falado no Brasil*. Os dados e a análise completa podem ser encontrados em Santos (2005).

versidade particular (cujos enunciados estão identificados por UP) e do primeiro e do quarto anos do curso de Letras de uma universidade pública federal (cujos enunciados estão identificados por UF). Todas as instituições onde os dados foram coletados estão localizadas no estado de São Paulo.

Um lugar teórico de onde observar e analisar

Nas respostas dos informantes ao questionário, observa-se que, além da adjetivação recorrente, construções *adversativas*, *concessivas*, *causais* e *explicativas* são muito freqüentes. Analisando, inicialmente, os sentidos decorrentes da adjetivação, concluí que não era possível trabalhar sobre a semântica dos adjetivos isoladamente; que o seu sentido estava vinculado à forma como estavam encadeados no enunciado, ao modo como a sintaxe articulava seus significados, multiplicando o número de vozes e reforçando seu caráter argumentativo. Nesta análise, portanto, considera-se a argumentação como eixo da construção do sentido, sobretudo as formas argumentativas e os modos de articulação dos adjetivos que se repetem em vários enunciados do corpus.

Sendo assim, o ponto de vista que parece mais apropriado para estas análises é o apresentado por Eduardo Guimarães (2001, 2002, 2004), ao lançar mão de alguns conceitos da AD para reinterpretar aspectos da Teoria Polifônica da Enunciação, de Oswald Ducrot e da Teoria da Argumentação, de Ascombe e Ducrot. Esta última questiona as idéias clássicas de descrição e concepção lingüísticas, para as quais a língua tem uma função informativa / descritiva / constativa / comunicativa (García Negroni e Tordesillas, 2000: 11). Para a Teoria da Argumentação, todo enunciado é essencialmente argumentativo e, portanto, significar “no es describir o informar, sino dirigir el discurso en determinada dirección” (Anscombe e Ducrot, 1983 apud Amossy e Pierrot, 2001: 103). No processo argumentativo, estabelece-se uma relação entre argumentos e conclusões, apoiada pelas instruções presentes na própria construção lingüística do enunciado.

Contudo, embora este trabalho parta da idéia de Ducrot (2001, 2004) de que todo enunciado é essencialmente argumentativo, os dados obtidos não permitem considerar que o sentido é apenas o resultado das instruções presentes na oração, e está dado necessariamente pela sua orientação argumentativa. Ao analisar os enunciados que constituem o corpus deste trabalho, nota-se que sua orientação argumentativa não é suficiente para explicar os efeitos de sentido produzidos pela presença insistente de conectores adversativos-concessivos e causais-explicativos. Optou-se, assim, por tratar a argumentação do ponto de vista da AD, que a vincula à interdiscursividade e, portanto, “o que se diz pela argumentação não significa só o que a relação de orientação argumentativa parece

sustentar” (Guimarães, 1998: 432); ao contrário, a argumentação está sustentada no interdiscurso, o que significa que os efeitos de sentido que o discurso venha a produzir não estão amarrados pela ilusão de unidade textual e pela intenção, ou pelo direcionamento argumentativo. Como afirma Guimarães (2001: 195):

[...] os efeitos de sentido de um texto, como vimos, dizem também respeito ao que chamamos dialogia interna (polifonia, intertextualidade, etc.). Deste modo os efeitos de sentido de um texto não se limitam aos efeitos de sua orientação argumentativa, ou da ilusão da sua unidade. A argumentação textual, portanto, não é necessariamente uma, nem una.

A argumentação e a Análise do Discurso

Embora a orientação argumentativa não constitua a única forma de interpretar e analisar o sentido, neste trabalho, para que se possa compreender melhor a Teoria da Argumentação e suas reformulações dentro dos pressupostos da AD, deve-se passar antes, no entanto, pelo conceito de *polifonia* desenvolvido por Ducrot (2001), já que ele é essencial para entender de que forma está construída, lingüisticamente, a argumentação. Os enunciados são polifônicos, pois estão compostos de diferentes vozes que correspondem a enunciadorees diferentes. Ou seja, ainda que o *locutor*, ou o responsável pelo enunciado, seja único, no interior da enunciação, ele pode se desdobrar em diferentes *enunciadores*, sendo cada enunciadoree responsável por um ato de linguagem efetuado na enunciação. Enunciados tipo [*p mas/pero q*] “ponen en escena *enunciadores* sucesivos, E_1 y E_2 , que argumentan en sentidos opuestos y donde el locutor coincide con E_2 y hace coincidir a su alocutario con E_1 ” (Ducrot, 2001: 266). Os enunciadores são, portanto, os responsáveis pelos *pontos de vista* que se articulam no enunciado. No caso de enunciados adversativos, pontos de vista diferentes e, de modo geral, contrapostos.

Embora o conceito de polifonia seja fundamental para o caminho analítico que se pretende percorrer, pois é evidente a presença de diferentes pontos de vista nos enunciados analisados, é preciso vincular este percurso ao arcabouço teórico da AD. Sendo assim, não interessam as características dos informantes desta pesquisa como indivíduos ou seres do mundo empírico, mas o lugar social do qual falam, já que há um lugar social comum a todos eles: alunos brasileiros de espanhol como língua estrangeira. Falam desse lugar, pois lhes é solicitada a produção de um tipo de discurso fortemente vinculado a ele, marcado ideologicamente por ele, tanto no que se refere a questões de identidade nacional, como de identidade lingüística. Desta forma, deve-se considerar que o locutor, além de responsável pelo enunciado,

é também aquele que assume a palavra, o que significa que está “afetado pelos lugares sociais autorizados a falar” (Guimarães, 2002: 24).

Note-se que, levando em consideração o tipo de discurso analisado e o olhar que orienta esta análise, um dos elementos centrais para a discussão é a vinculação entre discurso e *ideologia*. Quando se afirma que o discurso é ideologicamente determinado, como faz a AD, está se considerando que o falante não é capaz de controlar completamente os sentidos daquilo que diz, o direcionamento do dizer e o componente ideológico que atravessa o discurso, e do qual ele (falante) não é consciente.

Para a AD, o sujeito não é mais uno, dono de uma intenção que é capaz de traduzir e manifestar na sua fala, “fonte e senhor do seu dizer” (Authier-Revuz, 1990: 25). Assim sendo, o sentido está além da intenção do falante e além da orientação argumentativa, como já foi dito. As vinculações ideológicas do léxico e a memória da língua, integradoras do interdiscurso, juntamente com as condições de produção, vão agir sobre o sujeito e interferir nos efeitos de sentido do discurso. Em resumo, como afirma Orlandi (1996: 128):

São, de forma geral, três coisas que presidem a argumentação em termos de discurso: relação de forças (lugares ‘sociais’ e posição relativa no discurso), relação de sentido (o ‘coro de vozes’ em um dizer; a relação que existe entre os vários discursos) e a antecipação.

As duas primeiras já haviam sido tratadas anteriormente, quando se mencionou os lugares sociais a partir dos quais falam os locutores e, em seguida, ao tratar do conceito de polifonia de Ducrot. Resta falar sobre a antecipação. Para a AD, a *antecipação* faz parte das formações imaginárias que dirigem o processo de argumentação e diz respeito ao mecanismo segundo o qual o sujeito procura colocar-se no lugar do seu interlocutor, para antecipar o efeito que suas palavras podem ter sobre ele (Orlandi, 2000: 39). Através da antecipação, o locutor projeta a imagem que o seu interlocutor tem dele (locutor), o que supostamente espera ouvir e, dessa forma, procura inferir o efeito que lhe pode causar sua fala, ou o modo como deve dizer para causar no outro o efeito que tenciona causar.

No plano da sintaxe

Tendo esboçado um lugar teórico-analítico a partir do qual se pretende observar os enunciados que constituem o corpus, passo a tratar das construções sintáticas mais recorrentes na articulação das caracterizações e da adjetivação usada para manifestar opiniões e sentimentos sobre brasileiros, argentinos e espanhóis; já que são elas que articulam argumentativamente as palavras em discurso.

Adversidade-concessão

Bechara (2000: 321), ao descrever o papel semântico das conjunções adversativas e concessivas, afirma que as primeiras “enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas”, enquanto as segundas podem ser classificadas como concessivas, “quando iniciam oração que exprime que um obstáculo —real ou suposto— não impedirá ou modificará a declaração da oração principal” (Bechara, 2000: 327).

Mario Perini (2000: 145), com o objetivo de descrever o comportamento sintático do que denomina coordenadores —sendo uma parte deles de valor adversativo e consecutivo—, ressalta que não podem coordenar mais de dois elementos, como no caso de *mas*. O que faz pensar que a relação que estes conectores estabelecem só pode se dar entre estes dois elementos. Moura Neves (2000: 775) justifica, para o caso do *mas* —e acredito poder aplicar-se também a outros conectores adversativos—, a impossibilidade de que este coordene mais de dois segmentos:

MAS marca uma relação de *desigualdade* entre os segmentos coordenados e, por essa característica, não há recursividade na construção com *MAS*, que fica, pois, restrita a dois segmentos (grifo meu)

E, mais adiante, a autora explica um pouco melhor o significado de “relação de desigualdade”, dizendo que:

[...] o *MAS* evidencia exterioridade entre os dois segmentos coordenados e, a partir daí, coloca o segundo segmento como de algum modo diferente do primeiro, especificando-se essa desigualdade conforme as condições contextuais (Moura Neves 2000: 756).

Na seqüência, Moura Neves faz uma análise do valor semântico do *mas*, procurando classificar e nomear o tipo de desigualdade que se observa entre os dois elementos, em cada um dos casos. A classificação fica dividida entre dois valores principais: *contraposição* e *eliminação*.

Nas definições elencadas e nos termos utilizados para designar o tipo de relação que o *mas* estabelece entre os dois segmentos enunciados —contraste, oposição, desigualdade, contraposição, eliminação, além de outros—, nota-se a dificuldade que há em se fazer uma análise semântica do *mas*, ou de outros conectores adversativos, de modo a se poder definir e classificar o tipo ou os tipos de relação que ele estabelece entre os dois segmentos que articula.

No caso das concessivas, as dificuldades parecem ser menores, já que a sua descrição semântica localiza, na oração introduzida pelo conector, um obstáculo que não é capaz de impedir a realização do que aparece na oração principal. Nas definições anteriores, fica clara a sua relação com as adversativas, de modo que ambas podem ser enquadradas “entre as conexões contrastivas” (Moura Neves,

2000: 864). Contudo, Moura Neves (2000: 869) estabelece uma relação entre as construções concessivas e as causais, e afirma que a concessão pode ser vista como a “frustração de causalidades possíveis”.

Por fim, nas descrições do funcionamento das conjunções, observa-se uma separação rígida entre subordinadas e coordenadas, sendo que no português o *mas* é considerado uma conjunção coordenada e o *apesar* uma conjunção subordinada. Entretanto, para o caminho de análise que pretendo seguir, levando em consideração os processos argumentativos, estas diferenciações não têm relevância e são inadequadas, já que neste tipo de construções sempre haverá interdependência (Koch, 2000: 111) entre os argumentos e, portanto, entre os dois segmentos do enunciado.

Pensar em uma relação de interdependência entre segmentos que compõem um enunciado é essencial, quando o foco está posto no sentido e não na estrutura ou, pelo menos, não na estrutura por si mesma, mas no modo como a forma constrói sentidos. Assim sendo, as diferenças entre concessão ou adversidade só vão interessar na medida em que os efeitos de sentido forem diferentes. Desse modo, parece mais coerente falar em *operadores de adversidade-concessão*, que articulam dois segmentos cujos argumentos apontam em sentidos diferentes, em geral contrapostos. Daí que se diga que tais operadores têm um valor essencialmente argumentativo, o que confere uma interdependência entre os segmentos que, podendo ou não existir no nível sintático, existirá sempre no nível da enunciação.

No campo dos estudos em argumentação, Ducrot (2001) dedica à conjunção *mais* do francês um importante espaço e chega à seguinte formalização (Ducrot, 2001: 168):

- *p mais q* → *p* leva à conclusão *r*, *q* leva à conclusão não-*r*
- *p mais q* vai na direção de não-*r* porque *q* tem mais força que *p*.

O esquema explícita, de modo resumido, duas características de *mais* para o autor: cada um dos segmentos ou argumentos articulados pela conjunção aponta para *conclusões opostas* e há uma *assimetria* entre os argumentos, de modo que a direção argumentativa do enunciado aponta no sentido da conclusão não-*r*, que se deduz do argumento que precede a conjunção. Estas características são responsáveis pelos efeitos de busca de conclusões e de interpretação que o enunciado provoca no destinatário; efeitos oriundos não dos significados de cada um dos segmentos, mas da forma como estão articulados. Como menciona Ducrot (2001: 173):

Quando, al describir *pero* de una manera general, afirmo que *p* y *q* se presentan como valores argumentativos inversos, no quiero decir que se los considere siempre como productores de creencias; lo que es constante es que se los presenta siempre como si orientaran al que las acepta en dos direcciones opuestas (ya se trate de sus opiniones, de sus emociones, de sus deseos, de sus decisiones, etc.).

Perde relevância a idéia de subordinação ou coordenação, quando se trata de localizar o ponto de vista analítico na argumentação, e ganha peso o modo como os elementos estão articulados (em direções opostas) e o fato de que este tipo de articulação tem relação com os lugares que ocupam os interlocutores, com sua relação e com um processo enunciativo. Por isso, Ducrot ressalta que a oposição argumentativa que há entre as conclusões para as quais os segmentos do enunciado apontam não é prévia, não está dada anteriormente, mas que os segmentos são apresentados de modo que orientem àquele que os aceita em direções opostas. Assim, a questão que deve orientar a observação e a análise dos enunciados é por que certos elementos, características ou adjetivos estão articulados de certa forma e não de outra? Se seu modo de articulação não está dado previamente, poderia ter sido outro? Há efeitos de sentido que provêm desse modo de articular, das construções adversativas e concessivas em si?

No que se refere à presença de conectores de adversidade-concessão, chama a atenção que, na maior parte dos casos, a contraposição ou a oposição se sustente essencialmente sobre a construção enunciativa e não sobre o significado dos adjetivos. Isto quer dizer que, em muitos casos, a caracterização poderia ter sido enunciativamente construída com a presença de pausas apenas ou de uma conjunção aditiva. Observem-se alguns exemplos de enunciados sobre os espanhóis:

- São conservadores e autoritários *porém* honestos e trabalhadores. Trabalham para viver. (CL)
- Às vezes são impacientes com os estrangeiros *mas*, sobretudo, são orgulhosos de seu país. (CE)
- São muito elegantes e cultos, *mas* ao mesmo tempo nervosos e encrenqueiros. (UF)

Sobre os argentinos, podem-se citar os seguintes:

- Pessoas de difícil acesso e rudes, *porém*, batalhadores, sabem contestar e brigar quando necessário. (CL)
- Aparentam arrogância, *mas* lutam para fazer da Argentina um país culto e democrático. (CE)
- Não gostam de perder para os brasileiros e vice-versa. *Apesar disso*, gosto da maneira com que eles agem, por exemplo, protestando contra algo que não acham certo para seu país. (UF)
- Antipáticos, preconceituosos, esnobes. *Embora* eu ache o país lindo. (UF)
- Um pouco duro, um povo muito autoritário, *mas* com um nível de organização fantástico e de mobilização fora de série. (UF)
- *Apesar de* tudo são boas pessoas. (CL)

Sobre os brasileiros:

- Alegres, *porém*, acomodados. (CL)
- Somos alegres, criativos, *mas* um tanto submissos o que dificulta muito o desenvolvimento do país em alguns aspectos. (CL)
- *Apesar da* falta de cultura dos brasileiros acho cativantes e comunicativos independentes das regiões pois cada um tem o seu dialeto. (UP)
- Um povo muito carismático, acolhedor. *Porém* muito conformados, acomodados. *Mas* têm força de vontade, são bastante otimistas. (UF)
- Boas pessoas, *mas* um pouco desorganizados e com um coração imenso, acima de qualquer coisa. (UF)

Embora, nestes casos, o significado dos adjetivos ou cada uma das proposições não permita, desde logo, estabelecer uma oposição, a presença das conjunções adversativas ou concessivas instaura a assimetria argumentativa entre os segmentos e evidencia o caráter dialógico do enunciado. Note-se que, nos enunciados sobre os brasileiros, *acolhedor* aparece contraposto a *conformados* pela conjunção *porém*, enquanto em outro enunciado, *acolhedor* está unido a *submisso* pela conjunção *e*, de valor aditivo.

Esses exemplos ajudam a reforçar ainda mais a idéia de que os conectores são os que acabam por atribuir valores *eufóricos* ou *disfóricos*⁴ aos adjetivos e à caracterização, ou denunciam um movimento de elogio, de aproximação, em um dos segmentos do enunciado, e de crítica, de afastamento, no outro. As construções adversativas-concessivas, presentes nesses enunciados, permitem ver *movimentos afetivos* e/ou *ideológicos* em relação a brasileiros, argentinos e espanhóis. A ordem e a posição sintática em que aparecem adjetivos e caracterizações e, portanto, a direção argumentativa para a qual apontam os enunciados não é constante. O que parece ser constante é a presença de um movimento enunciativo que aponta em diferentes direções: de se aproximar e se distanciar, de elogiar e criticar ou, no limite, de amar e odiar.

Ducrot (2001: 176), ao analisar um trecho de *Madame Bovary* de Flaubert, afirma que em uma determinada passagem é possível observar “un primer milagro de pero: obliga al lector a introducir resonancias afectivas en una descripción que, tomada en sí misma, parecería puramente ‘objetiva’ y exterior”. Neste caso, também uma descrição supostamente objetiva das características de si e do outro está articulada de modo a que a sintaxe permita entrever o que há de afetivo e ideológico na forma de enunciar.

4. Estes termos pertencem à categoria tímica, que coloca os objetos, seres, eventos dentro de uma cadeia axiológica, isto é, de valores, e é “empregada para classificar o conjunto das categorias sêmicas de um universo semântico” (Greimas e Courtès, 1979: 462). A categoria tímica está dividida em *euforia*, que serve para valorizar positivamente; *disforia*, que institui valores negativos, e *aforia*, que é o termo neutro da categoria.

Muito embora tenha sido menos freqüente que aparecesse uma oposição explícita entre os segmentos dos enunciados, em alguns casos, a contraposição está presente tanto no significado do adjetivo, quanto no conector. Para caracterizar os espanhóis, aparecem mais exemplos do que quando se fala de argentinos e brasileiros:

- Duros *mas* cordiais. (CL)
- Pessoas simpáticas, cordiais, *mas* rudes. (CL)
- Às vezes conservadores no aspecto familiar *mas* em outras áreas procurando sempre a modernidade. (CL)
- Acho que são um pouco duros algumas vezes, *porém* na sua maioria são alegres, afetuosos. (CL)

Sobre os argentinos, podem-se citar os seguintes casos:

- De início parecem um pouco arrogantes (talvez pela maneira que se expressam), *mas* depois são carinhosos e cativantes. (CL)
- Fechados, *apesar de* ter conhecido alguns bem extrovertidos. (UF)

Para caracterizar os brasileiros, apareceram:

- Mostram bondade, força de vontade e solidariedade, *mas* ao mesmo tempo querem levar vantagem em tudo, são individualistas e preguiçosos (=acomodados). É um povo contraditório. São pouco unidos. (CL)

Em alguns casos, os conectores aparecem contrapondo antônimos, tais como *simpáticas* e *rudes*, *conservador* e *moderno*, *duros* e *afetuosos*, *fechados* e *extrovertidos* ou *solidariedade* e *individualismo*. Em outros casos a oposição não é tão evidente, mas nota-se que já há uma contraposição entre os segmentos, que não está apoiada exclusivamente sobre os conectores, mas que é apenas corroborada pela sua presença. Nestes casos a contradição é mais explícita que nos exemplos citados mais acima e pode parecer inconciliável quando se trata de caracterizar uma mesma coisa. Como podem ser, ao mesmo tempo, simpáticos e rudes? Uma oposição tão explícita, em vários casos, acaba por se sustentar, enunciativamente, por construções que atribuem as características opostas a aspectos diferentes, como é o caso de “no aspecto familiar”, frente a “outras áreas”; a grupos diferentes, como denota o pronome “alguns”; ou ainda, devido a separações temporais, com a presença das expressões “de início”, “depois”, “às vezes”, “algumas vezes”. Mas o que ecoa dessas oposições mais explícitas é, não apenas a impossibilidade de atribuir características únicas, estanques a grupos heterogêneos, mas, outra vez, movimentos afetivos e ideológicos que orientam as formas de ver e de se relacionar consigo e com o outro. Em resumo, a presença de pontos de vista opostos

ou conflitantes deste modo articulados, além de evidenciar movimentos afetivos contraditórios, expõe a *heterogeneidade*.

Modalização

Outro elemento argumentativo que apareceu com frequência nos enunciados analisados foram os *modalizadores*, na forma de *atenuadores-quantificadores*. Observa-se a sua presença em alguns enunciados sobre os espanhóis:

- São comunicativos, mas diretos e objetivos e por isso *podem parecer* rudes. Mas *no fundo* não são grosseiros por mal, é o jeito deles. (CL)
- Acho que são *um pouco* duros *algumas* vezes, porém na sua maioria são alegres, afetuosos. (CL)
- Às vezes são impacientes com os estrangeiros mas, sobretudo, são orgulhosos de seu país. (CE)
- Não conheço muito bem os espanhóis. Dizem que às vezes são grosseiros com os estrangeiros. *Tenho a impressão* de que são bastante objetivos e francos. (CE)

Sobre os argentinos, cito:

- De início *parecem um pouco* arrogantes (talvez pela maneira que se expressam), mas depois são carinhosos e cativantes. (CL)
- *Um pouco* duro, um povo muito autoritário, mas com um nível de organização fantástico e de mobilização fora de série. (UF)
- *Tenho a impressão* de que sejam calorosos, falantes (comunicativos). (UF)

Com relação aos brasileiros, aparecem os seguintes casos:

- Somos alegres, criativos, mas *um tanto* submissos o que dificulta muito o desenvolvimento do país em alguns aspectos. (CL)
- São abertos às mais variadas influências, sendo, às vezes, *até* ingênuos e deixando-se levar por idéias e modismos. (CE)
- Boas pessoas, mas *um pouco* desorganizados e com um coração imenso, acima de qualquer coisa. (UF)

Note-se que os atenuadores-quantificadores destacados acima estão, na maioria dos casos, presentes em enunciados adversativos ou concessivos, o que evidencia sua participação no processo argumentativo. Além disso, na maior parte das vezes, antecipam ou estão presentes nas caracterizações disfóricas, com o intuito de suavizar a crítica. Daí poder-se afirmar que, tanto a busca de um equilíbrio entre uma caracterização eufórica e uma caracterização disfórica,

quanto a atenuação de características de valor depreciativo são responsáveis pelo aparecimento de construções enunciativas menos incisivas e taxativas.

Caracterizar, apresentar juízos de valor e opiniões sobre outros povos e grupos ou sobre o grupo social de origem coloca sempre o sujeito em uma posição delicada e arriscada. Deste modo, a modalização deve ser uma marca freqüente neste tipo de discurso, pois ajuda a suavizar e a equilibrar as afirmações, além de proteger o locutor.

Além dos atenuadores-quantificadores que foram elencados acima, também participam deste tipo de construção enunciativa outros modalizadores que cito e analiso a seguir.

Observem-se, inicialmente, os seguintes enunciados sobre os espanhóis:

- *Imagino* que são diretos (às vezes em excesso), alegres, sinceros e festeiros. (CL)
- Conheci poucos espanhóis, mais na viagem que fiz recentemente, mas *pelo que eu pude perceber* são alegres e festeiros, valorizam a família e "estar junto". (CL)
- Não conheço muito bem os espanhóis. Dizem que às vezes são grosseiros com os estrangeiros. *Tenho a impressão de que são* bastante objetivos e francos. (CE)
- *Tenho uma impressão* de que são bastante conservadores, porém nunca tive um contato muito próximo com nenhum espanhol. (UF)
- Os espanhóis *parecem* pessoas alegres, simpáticas. (UF)
- *Parecem* ser amáveis, receptivos, não tanto quanto os brasileiros. Mesmo com todo aquele problema do terrorismo, *parecem* ser um bom povo. (UF)

Sobre os argentinos, algumas das ocorrências são:

- *Parece-me* que são bastante antipáticos. (CE)
- Estes *parece* que falam mais calmos, e é muito melhor de se entender. (UP)
- O que chama atenção é o jeito de falar, *parece* que falam rápido demais. (UP)
- *Parecem* não gostar muito de brasileiros. (UF)
- *Tenho a impressão* de que sejam calorosos, falantes (comunicativos). (UF)

Entre os atenuadores que apareceram com mais freqüência, pode-se citar: *imagino, tenho/me dá a impressão, (me) parece*. Nos três casos, o que se expressa é uma sensação (ou uma imaginação). Nos casos em que aparecem marcas de primeira pessoa, o locutor se responsabiliza pela sensação, pela impressão ou pela imaginação, embora retire o enunciado e o segmento que se segue a estas expressões do plano da afirmação. Não diz que algo é de determinada forma, mas que ele imagina, tem a impressão ou lhe parece ser dessa forma. Deixa aberta a possibilidade de que se diga algo em contrário ou diferente disso.

O verbo *parecer*, contudo, em geral, não está acompanhado do pronome *me*, o que, por um lado, retira a responsabilidade do locutor sobre a afirmação e, por outro, a generaliza. Do ponto de vista enunciativo, pode-se afirmar que

[...] no es el locutor quien se responsabiliza de ese 'decir', con lo que se convoca un enunciador al que se atribuye la responsabilidad de ese 'decir', y además, 'dice' que *parece ser* eso que dice, o lo que es lo mismo, 'dice' que es discutible lo que se dice (Donaire 2000: 82).

Nas modalizações, há uma gradação sempre, que vai da certeza à incerteza ou do comprometimento total, que se evidencia nas construções mais assertivas, ao não comprometimento, com o uso abundante de modalizadores e construções impessoais, além da atribuição de características e julgamentos a enunciadores pelos quais o locutor não se responsabiliza ou com os quais não se identifica. A afirmação categórica parece ser comprometedora demais, sobretudo quando se trata de falar do outro e, será mais freqüente, quando os brasileiros são o tema.

Esta forma de enunciar também pode ser efeito das antecipações. Embora os questionários respondidos pelos estudantes fossem anônimos, seu preenchimento foi solicitado por esta pesquisadora, para compor seu trabalho de pós-graduação; informação que lhes foi fornecida ao solicitar sua participação e colaboração. Portanto, os alunos sabiam que, mesmo não precisando se identificar, estavam expondo opiniões para a professora de língua espanhola. Suas projeções em relação às expectativas da professora eram, provavelmente, as de que ela esperava que assumissem um registro mais descritivo e informativo. Portanto, muitos deles não queriam soar preconceituosos e anteciparam de sua interlocutora uma expectativa de que se mostrassem "neutros" e "justos" em seus julgamentos sobre a língua que ensina e seus falantes. Não cabe a menor dúvida de que, como interlocutora, a professora-pesquisadora ocupa um lugar de autoridade, sobretudo nas questões relativas à língua espanhola ou ao que a ela está relacionado. Uma construção em que haja um equilíbrio entre crítica e elogio, somada à presença insistente de estruturas *modalizadoras*, leva a uma regularidade enunciativa na qual não se toma categoricamente um ponto de vista, em que há contornos, ponderações e movimentos conciliatórios.

Por outro lado, nos enunciados sobre os brasileiros, não foram encontradas ocorrências desse tipo de modalizadores. Talvez pelo fato de que estas sejam expressões usadas para falar sobre algo mais desconhecido e, possivelmente, mais "comprometedor". Para caracterizar os brasileiros aparecem construções que, ao invés de colocarem em dúvida ou relativizarem, expressam certeza e conferem ao enunciado um efeito assertivo, taxativo. É o caso de expressões tais como: *estou certo de que, observei, tenho conhecimento*. Produzem-se assim, cenas enunciativas distintas quando se trata de falar do outro e de si mesmos. Quando falamos de nós mesmos, nos sentimos mais autorizados seja pela experiência, pelo suposto conhecimento e ou pelo sentimento de posse e de pertencimento a fazer afirmações mais categóricas. Fala-se de um suposto lugar de saber, de autoridade. O efeito é de uma enunciação mais direta e categórica, menos modalizada que nos enunciados sobre grupos sociais a que não se pertence.

Causalidade-explicação

Outro tipo de construção sintática freqüente nos enunciados, e que está relacionada ao processo argumentativo, foram os conectores de *causa-efeito*, ou de *explicação*. Diz-se que seu valor é argumentativo não apenas porque, como afirmam os estudos na área da argumentação, todo enunciado tem valor argumentativo, mas também porque, segundo Moura Neves (2000: 804), “A relação *causal*, na verdade, raramente se refere a simples acontecimentos ou situações de um mundo”. Ela passa necessariamente pelo conhecimento, pelo julgamento ou pelas crenças do falante (Moura Neves, 2000: 804).

Marion Carel (2004), ao analisar três enunciados de tipo explicativo, enlaçados com *porque*, constata que a relação que se estabelece entre os segmentos é indiscutível, independentemente do locutor, ou da enunciação que o explore. A presença do *porque* tem, portanto, um efeito de evidência, de redundância; de modo geral, resultado daquilo que é socialmente aceito.

Nas manifestações dos estudantes, freqüentemente o segmento introduzido pelo conector causal ou explicativo aparece para justificar a atribuição de um determinado adjetivo, uma certa caracterização ou uma atitude em relação a argentinos, espanhóis e brasileiros.

Observem-se alguns exemplos nos enunciados referentes aos argentinos:

- São extremamente nacionalistas. Dá a impressão que, quando se unem, conseguem atingir qualquer objetivo. *Por isso*, passam a imagem de arrogantes, *devido à* forte personalidade. (CL)
- Arrogantes *pois* durante muito tempo pertenceram ao país mais rico e desenvolvido da América do Sul. (CE)
- Eu sempre vi os argentinos de modo distante, *pois* a sua formação foge um pouco da América Latina, principalmente quanto aos traços étnicos. (CE)
- Não conheço a Argentina, mas respeito seu povo, *pois* ele sofre suas angustias mas sempre consegue levantar para se orgulhar de suas origens. (CE)
- São gentis e como os brasileiros se esforçam para falar o português para se comunicarem em português. Essa coisa que argentino é grosso é *por causa* do futebol. (UF)

Sobre os espanhóis, aparecem:

- São comunicativos, mas diretos e objetivos e *por isso* podem parecer rudes. Mas no fundo não são grosseiros por mal, é o jeito deles. (CL)
- Conheci poucos espanhóis, mais na viagem que fiz recentemente, mas pelo que eu pude perceber são alegres e festeiros, valorizam a família e “estar junto” —talvez *por isso* te deixem à vontade e despertem a vontade de voltar à Espanha mais vezes. (CL)

- Estão muitos anos a frente de nós brasileiros *pele fato* de terem maior poder aquisitivo e existirem a mais anos. (CL)
- Um povo tradicional, diria até preconceituoso, *por* ser a Espanha o país mais católico do mundo. (UF)

Nos enunciados sobre os brasileiros, cito as ocorrências seguintes:

- Somos alegres, criativos, mas um tanto submissos *o que* dificulta muito o desenvolvimento do país em alguns aspectos. (CL)
- Um povo bom, alegre, criativo que foi e ainda está sendo espoliado politicamente e *por isso* tentando desenvolver-se a custa de muita luta. (CE)
- A maioria ignorante e *por causa dos* políticos que dizem que o povo tem direito a tudo, ficam parados a espera de que o governo lhes dê tudo que precisam, preguiçosos, acomodados. (CE)
- Apesar da falta de cultura dos brasileiros acho cativantes e comunicativos independentes das regiões *pois* cada um tem o seu dialeto. (UP)
- É difícil falar dos brasileiros, porque em geral, são muito diferentes. (UF)
- Não só "samba" e "futebol" mas um povo carismático, trabalhador e solidário *por* saber todas as dificuldades que passamos. (UF)

As causais-explicativas, ao servirem para justificar um ponto de vista, um julgamento, um movimento afetivo, uma caracterização ou uma atitude, ajudam a dar-lhes sustentação, a reforçar o que já foi dito. Ou seja, a caracterização ou as opiniões ficam apoiadas sobre algo que, de modo geral, é enunciado como verdade, como indiscutível, como inquestionável. As causais-explicativas estabelecem relações de causa e consequência entre aspectos da caracterização que estão fortemente apoiados sobre o senso comum ou sobre pré-construídos. A vinculação entre os segmentos adquire um caráter indiscutível, o que iguala o primeiro segmento ao segundo e dá o efeito de redundância. Assim, quando se trata de caracterizar os espanhóis: *diretos e objetivos = rudes*, e quando se trata de caracterizar os argentinos: *personalidade forte = arrogância*. Ou seja, o que a construção causal-explicativa sugere é que, embora não sejam a mesma coisa, dentro de uma leitura apoiada sobre o senso comum, podem ser iguados, interpretados como a mesma coisa.

Para resumir, quando se tratava de construções de adversidade-concessão, estabeleciam-se oposições que não necessariamente estavam dadas previamente pelo significado dos adjetivos. No caso das causais explicativas, surgem relações de igualdade ou de redundância que tampouco estão dadas por si. Em ambos os casos, igualar ou contrapor é o efeito de movimentos ideológicos e afetivos que se apóiam sobre pré-construídos social e historicamente estabelecidos, dos quais o sujeito-falante não é consciente.

Ressonâncias discursivas e efeitos de sentido

Tendo dado uma idéia geral do modo como as diferentes construções lingüísticas dos enunciados produzidos pelos sujeitos da pesquisa estão relacionadas à argumentação e à produção de sentidos, parece relevante relacionar as questões referentes à adjetivação e à construção sintática e enunciativa. Para tanto, vou me deter sobre alguns enunciados que considero exemplares e tentarei encontrar *ressonâncias de significação* que constituem o imaginário mais recorrente sobre alguns dos temas. Com essa finalidade, alguns enunciados serão agrupados em *famílias parafrásticas*. Antes, passemos brevemente pelos pressupostos teóricos que sustentam este tipo de análise. Parto do conceito de *paráfrase* assim definido por Serrani (1993: 47):

Entendo que há paráfrase quando podemos estabelecer entre as unidades envolvidas uma ressonância – *interdiscursiva* – de significação que tende a construir a realidade (imaginária) de um sentido. Ressonância porque para que haja paráfrase a significação é produzida por meio de um efeito de vibração semântica mútua. [...] As parafrases, então, tal como as estou entendendo aqui, ressoam significativamente na verticalidade do discurso e concretizam-se na horizontalidade da cadeia, através de diferentes realizações lingüísticas.

A seguir passarei a analisar de que modo as ressonâncias de significação a que a autora faz referência se manifestam nos enunciados deste corpus, tanto em torno a “unidades específicas” quanto nos “modos de dizer” (Serrani 1993: 47), de forma que se possa afirmar que há paráfrase entre os enunciados.

Para tratar das representações sobre os argentinos, selecionei alguns enunciados em que se faz referência à questão da arrogância, já que foi uma das características mais presentes na adjetivação, além de poder ser considerada um pré-construído em relação ao argentino. Começemos pelo seguinte enunciado:

(1) Aparentam arrogância mas lutam para fazer da Argentina um país culto e democrático.

Afirmar que a presença da adversativa está relacionada a movimentos afetivos contraditórios, de aproximação e de afastamento; cada um deles presente em um dos segmentos do enunciado. Sendo assim, pode-se dizer que os segmentos deste enunciado autorizam as seguintes conclusões:

- aparentam arrogância → o que me afasta
- lutam para fazer da Argentina um país culto e democrático → o que me atrai

Há ainda outros enunciados dos quais se podem depreender conclusões semelhantes:

- (2) Pessoas de difícil acesso e rudes, porém, batalhadores, sabem contestar e brigar quando necessário.
- (3) Um pouco duro, um povo muito autoritário, mas com um nível de organização fantástico e de mobilização fora de série.
- (4) Eles são sempre nossos maiores rivais. Não gostam de perder para os brasileiros e vice-versa. Apesar disso, gosto da maneira com que eles agem, por exemplo, protestando contra algo que não acham certo para seu país.

Considerando inicialmente as construções sintático-enunciativas, os quatro enunciados se caracterizam pela presença de construções de adversidade-concessão nas quais cada um dos segmentos aponta em uma direção diferente. No que se refere às unidades específicas, em um dos segmentos dos quatro enunciados aparece uma adjetivação que caracteriza uma dificuldade na relação com os argentinos e, me arriscaria a dizer, que trata do modo como se sentem, se interpretam ou se imaginam as atitudes e os movimentos deles em relação a nós brasileiros. Os adjetivos circulam num campo semântico que pode ser concentrado pelas idéias de arrogância e de rivalidade. O outro segmento trata de um comportamento social e político ativo, coletivo, forte e que está relacionado à construção de um país melhor e de um bem estar comum.

A relação parafrástica está apoiada, portanto, por uma relação semântica entre os adjetivos ou a caracterização presentes no segmento que trata do modo de relacionar-se do argentino, e também no segmento que trata do seu comportamento coletivo. Está também autorizada pela repetição de uma articulação de adversidade-concessão entre estes segmentos. Sendo assim, a argumentação não pode ser analisada exclusivamente no eixo sintagmático, pois os efeitos de sentido dessa enunciação devem ser construídos a partir de uma análise paradigmática autorizada pela presença da relação parafrástica:

- pessoas de difícil acesso e rudes → *arrogantes, antipáticos, distantes, fechados, incisivos, diretos, duros, secos, francos, grosseiros, autoritários ...*
- batalhadores, sabem contestar e brigar quando necessário → *briguentos, fortes, incisivos, diretos, combativos, ativos, organizados ...*

Se a coincidência entre os adjetivos relacionados a cada um dos segmentos não é total, certamente pode-se dizer que há traços comuns: *diretos* e *incisivos*, por exemplo. Ademais, recorde que o adjetivo *arrogante*, além do seu significado mais cotidiano, também quer dizer *corajoso, valente e audaz*. Embora esta segunda acepção não seja mais de uso corrente, se pensamos que o sentido está relacionado também à memória discursiva, pode-se fazer a seguinte associação semântica com relação ao enunciado (1):

- aparentam arrogância → *arrogantes*
- lutam para fazer da Argentina um país culto e democrático → *arrogantes*

Os efeitos de sentido do adjetivo *arrogante* estão presentes nos dois segmentos do enunciado; o que, no limite, permite encontrar a seguinte forma condensada das paráfrases citadas:

- arrogantes mas arrogantes

Como se pode observar, na forma condensada, o igual aparece como contraposto, o que sustenta a interpretação de que as construções de adversidade-concessão evidenciam movimentos ideológico-afetivos no processo enunciativo.

Em outro dos enunciados do corpus analisado, a relação que se tenta estabelecer aqui entre *arrogância* e *combatividade* se explicita ainda mais:

(5) São extremamente nacionalistas. Dá a impressão de que, quando se unem, conseguem atingir qualquer objetivo. Por isso, *passam a imagem de arrogantes, devido à forte personalidade.* (CL)

A relação, aqui, já não é de adversidade-concessão, mas de causalidade-explicação e, portanto, ambos os segmentos apontam na mesma direção e a forma de atuar *forte* é posta como responsável pela imagem do argentino como *arrogante*. Ou: *forte* = *arrogante*.

A representação sobre o argentino tem como eixo, portanto, o adjetivo *arrogante* e seus efeitos de sentido estão presentes, não apenas nos quatro enunciados que se acaba de analisar, mas em uma parte importante do corpus, como se procurou demonstrar até o momento. Isto faz com que “*os argentinos são arrogantes*” constitua um pré-construído.

Para reforçar ainda mais seu efeito de pré-construído, menciono outros dois enunciados:

(6) Apesar de *tudo* são boas pessoas.

(7) Bom, os argentinos, como há uma arenga esportiva conosco, *tem-se que* eles são chatos e espaçosos, mas é apenas arengas infundadas. São pessoas boas e quando tentei falar em espanhol *até que* eles me ajudaram.

A idéia de que o léxico tem uma carga ideológica importante, por exemplo, autoriza a formular hipóteses sobre o que reverbera do *tudo* introduzido pela concessiva do exemplo (6). Seu sentido só pode ser preenchido pelo interdiscurso, ou seja, pela relação que estabelece com outros discursos que circulam sobre os argentinos. Ecoa, assim, o pré-construído que foi silenciado pela enunciação do *tudo*, mas que pode ser perfeitamente recuperado na relação interdiscursiva. No nível da direção argumentativa, pretende-se retirar a carga do pré-construído e colocá-la sobre o *são boas pessoas* da segunda parte do enunciado; formulação com a qual o locutor pretende concordar. Contudo, como os efeitos de sentido não estão dados, unicamente, pelas direções argumentativas do enunciado, vê-se que

a força do pré-construído leva o sentido para caminhos diferentes dos do ponto de vista que o locutor sustenta.

No exemplo (7), aparece um enunciador do senso comum, responsável pela primeira parte do enunciado, na qual estão presentes os adjetivos *chatos* e *espaçosos* para caracterizar os argentinos. O locutor se distancia deste enunciador, o que se evidencia na indeterminação do sujeito da expressão *tem-se que*, e se identifica com o segundo enunciador, para o qual os argentinos *são pessoas boas*. Essa identificação direciona a argumentação para uma conclusão elogiosa em relação aos argentinos. Porém, observa-se que, na segunda parte do enunciado, irrompe o pré-construído. A presença do *até que* coloca a ajuda que o locutor afirma ter recebido no lugar do inesperado, do insólito, do que escapa, já que a atitude tolerante e solícita descrita entra em conflito com o pré-construído da arrogância.

Nos enunciados sobre os espanhóis, também foi possível identificar relações de paráfrase:

- (8) São comunicativos, mas diretos e objetivos e por isso podem parecer rudes. Mas no fundo não são grosseiros por mal, é o jeito deles.
- (9) Não conheço muito bem os espanhóis. Dizem que às vezes são grosseiros com os estrangeiros. Tenho a impressão de que são bastante objetivos e francos.
- (10) Acho que são um pouco duros algumas vezes, porém na sua maioria são alegres, afetuosos.
- (11) Duros mas cordiais
- (12) Pessoas simpáticas, cordiais mas rudes

Também com relação aos espanhóis, toma-se a questão da relação com o outro, que já estava presente nos enunciados sobre os argentinos, como eixo para construção da família de paráfrases. No entanto, há uma diferença fundamental entre estes enunciados e os anteriores. Enquanto com relação aos argentinos, a adjetivação referente à forma de se relacionar com o outro se contrapõe a um aspecto diferente do caráter, no caso dos enunciados sobre os espanhóis, os dois segmentos do enunciado se referem à relação com o outro e é na adjetivação e na presença dos atenuadores que se encontra a oposição. A relação parafrástica está apoiada, assim, sobre a presença de construções adversativas-concessivas (ainda que implícitas, como no enunciado (9) e de uma adjetivação que, por um lado, qualifica de forma eufórica o modo de relacionar-se com o outro dos espanhóis e, por outro, a qualifica de forma disfórica. Veja-se que associações a presença de paráfrases autoriza:

- pessoas simpáticas, cordiais → comunicativos, alegres, afetuosos
- duros → diretos, objetivos, francos, grosseiros, rudes

Atribuem-se, deste modo, aos espanhóis, duas formas de se relacionar, no limite, opostas. Oposição essa que está mediada, nos enunciados (8), (9) e (10), por expressões atenuadoras. Como já foi dito, os modalizadores contribuem para dirigir a argumentação no sentido de construir uma imagem mais elogiosa dos espanhóis. Note-se que os atenuadores estão sempre associados ao segmento em que aparecem os adjetivos *duros*, *rudes*, *grosseiros*, etc. Além disso, no enunciado (9), estas características aparecem introduzidas por um *dizem que*, que retira do locutor a responsabilidade sobre essa caracterização e a atribui a uma voz coletiva ou do senso comum. Já no segmento seguinte, que assume um tom mais elogioso, a expressão que inicia a frase é *tenho a impressão*, que estabelece uma identificação entre esta voz e o ponto de vista do locutor.

Contudo, pode-se entrever, para além da direção argumentativa, que a representação dos espanhóis como *diretos* e *objetivos* —o que em um matiz mais disfórico se transformaria em *duros* e até *grosseiros*— tem a inércia de um pré-construído. Observe-se, por exemplo, o enunciado (8), em que, ao segmento *podem parecer rudes*, se segue *não são grosseiros por mal*. Inicialmente, a característica é tomada como aparência do objeto, mas na continuidade do enunciado, ela já compõe sua essência. A orientação argumentativa aponta no sentido de se opor ao pré-construído, daí a presença de adjetivos opostos e dos atenuadores.

Nos enunciados referentes aos brasileiros, foi possível estabelecer relações de paráfrase entre os seguintes enunciados:

- (13) Alegres, porém, acomodados. Sempre que há uma regra existe aquele "jeitinho" para burlar esta regra. Pessoas carismáticas e familiares.
- (14) Mostram bondade, força de vontade e solidariedade, mas ao mesmo tempo querem levar vantagem em tudo, são individualistas e preguiçosos (=acomodados). É um povo contraditório. São pouco unidos.
- (15) Somos alegres, criativos, mas um tanto submissos, o que dificulta muito o desenvolvimento do país em alguns aspectos.
- (16) Um povo muito carismático, acolhedor. Porém muito conformados, acomodados. Mas têm força de vontade, são bastante otimistas.
- (17) Boas pessoas, mas um pouco desorganizados e com um coração imenso, acima de qualquer coisa.

Chama a atenção o fato de que, tanto na família parafrástica referente aos brasileiros, quanto na que aparece quando se opina sobre os argentinos, as construções de adversidade-concessão contrapõem uma série de adjetivos que procuram descrever o modo de relacionar-se com o outro, frente ao modo de agir coletivamente, socialmente, ou à forma de exercer a cidadania. E, além disso, em ambos os casos há certa oposição na caracterização de cada um desses aspectos.

Os enunciados selecionados acima permitem a seguinte associação de adjetivos:

- boas pessoas → solidárias, acolhedoras, alegres, criativas
- um pouco desorganizados → conformados, acomodados, preguiçosos, submissos, individualistas

Note-se que, embora não se esteja estabelecendo aqui uma relação entre os adjetivos de cada segmento baseada na sinonímia, acredito que ela se justifica pelo fato de que está relacionada ao tão comentado *jeitinho brasileiro* —de presença marcante no senso comum— e à caracterização marcada pela receptividade, pela bondade e pela passividade. Esta associação também está apoiada sobre a interdiscursividade que se estabelece entre os enunciados.

O *jeitinho* pode ser associado ao *drible*, ao *contorno*, ao passar pelo lado, a um modo de ação que se opõe ao *enfrentamento*, ao *confronto*. A atribuição de uma ausência de ação mais direta na forma de atuar do brasileiro provoca o aparecimento de uma caracterização de submissão e acomodação no plano da ação coletiva, de sua atuação enquanto cidadãos. Mas também lhe confere, em outros âmbitos das relações sociais, uma camaradagem, uma ação motivada pela identificação com o drama individual, pelo apelo emocional. A suposta ausência de um modo de agir direto também é responsável pela atribuição de bondade, solidariedade e acolhimento à caracterização do brasileiro.

Uma vez mais é o mesmo, ou a atribuição de um mesmo traço cultural, social e, por que não, lingüístico, que vai produzir caracterizações contrapostas e movimentos afetivos contraditórios. Em resumo, assim como a *arrogância* funciona como eixo articulador das representações sobre o argentino e a forma *dura e direta* de se relacionar com o outro articula o modo de se representar os espanhóis; é o *jeitinho* que assume o mesmo papel nas representações sobre o brasileiro.

Conclusões

A análise aqui feita permitiu esboçar alguns traços do imaginário de brasileiros, estudantes de espanhol como língua estrangeira, sobre si mesmos e sobre argentinos e espanhóis. Observou-se, sobretudo, que as representações sobre si mesmos estão em relação intrínseca com as representações sobre o outro e que, tanto as primeiras, quanto as segundas se conformam a partir de movimentos afetivo-ideológicos contraditórios, contrapostos. Tais movimentos aparecem evidenciados, mais que na adjetivação e na caracterização presente nos enunciados, na forma como estes estão construídos sintaticamente, argumentativamente. Uma análise enunciativa e discursiva permite organizar famílias parafrásticas que comprovam a presença de uma repetição, tanto de unidades específicas, quanto de modos de dizer. Os modos de dizer mais recorrentes são a manifestação no

discurso de movimentos ideológico-afetivos de aproximação e afastamento, de admiração e crítica.

Embora este trabalho não tenha dados suficientes para tratar de como essa complexa e intrincada rede de imagens sobre si mesmos e sobre argentinos e espanhóis possa participar na aprendizagem e no uso do espanhol como língua estrangeira por brasileiros, acredito que estes movimentos contrapostos, de aproximação e afastamento, poderão ter papel relevante no modo como a subjetividade do sujeito e suas relações de identidade/alteridade ficam afetadas e são reconfiguradas no encontro com a língua estrangeira e seus falantes. Não nos esqueçamos que a comunicação e o contato entre brasileiros e espanhóis e entre brasileiros e argentinos tem aumentado significativamente nos últimos anos, principalmente motivada por mudanças econômicas, sociais e políticas nos três países. Desta comunicação e deste contato não participarão apenas os sujeitos oriundos de cada um dos países, mas as imagens mútuas e a língua de contato, que será, muito provavelmente, o espanhol.

A aprendizagem dessa língua não pode ser estudada nem interpretada fora do seu contexto social e político, devendo levar em consideração não apenas os aspectos cognitivos envolvidos na sua aprendizagem, mas como a relação com a língua e com os seus falantes afeta o sujeito-aprendiz. De que modo as imagens sobre os falantes estão relacionadas às atitudes em relação à língua espanhola e suas variantes? Será que elas podem alimentar também as imagens sobre como deve se estabelecer a relação pragmático-discursiva com o hispano-falante? Será que o imaginário é capaz de desencadear processos facilitadores ou inibidores da aprendizagem da língua estrangeira?

Isso sem mencionar as implicações que estudos deste tipo podem ter para o ensino do espanhol no Brasil, influenciando a atuação de professores, o desenvolvimento de livros e materiais didáticos ou a discussão de políticas educacionais. Mas estas são questões que só serão respondidas e relações que só serão construídas com o avanço da pesquisa e da reflexão.

Referências bibliográficas

- Amossy, Ruth & Anne Herschberg Pierrot (2001): *Estereotipos y clichés*, Buenos Aires, Eudeba.
- Authier-Revuz, Jacqueline (1990): "Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)", *Cadernos de Estudos Linguísticos*, nº 19, jul./dic, Campinas: IEL/UNICAMP, pp. 25-42.
- Bechara, Evanildo (2000): "Conjunção", em *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro, Lucerna, pp. 319-330.
- Brandão, Helena (1998): *Introdução à Análise do Discurso*, Campinas, Editora da UNICAMP, 7ª ed.
- Carel, Marion (2004) "La Explicación Redundante", em Elvira Narvaja de Arnoux y María Marta García Negroni (comps.), *Homenaje a Oswald Ducrot*, Buenos Aires, Eudeba, pp. 77-93.

- Donaire, María Luisa (2000): "Polifonía y Punto de Vista", *Revista Iberoamericana de Discurso y Sociedad*, diciembre, vol. 2, no 4, Gedisa editorial, pp. 73-87.
- Ducrot, Oswald (2004): "Sentido y argumentación", em Elvira Narvaia de Arnoux y María Marta García Negroni (comp.), *Homenaje a Oswald Ducrot*, Buenos Aires, Eudeba, pp. 359-370.
- (2001): *El decir y lo dicho*, Buenos Aires, Edicial.
- García Negroni, María Marta y Marta Tordesillas (2000): "Editorial: Estudios de semántica y pragmática. Apuntes sobre la semántica integrada", *Revista Iberoamericana de Discurso y Sociedad*, diciembre, vol. 2, no 4, Gedisa, pp. 03-21.
- Greimas, Algirdas Julien. y Joseph Courtés (1979): *Dicionário de Semiótica*, São Paulo, Cultrix.
- Guimarães, Eduardo (2004): "Argumentación y Acontecimiento", em Elvira Narvaia de Arnoux y María Marta García Negroni (comp.), *Homenaje a Oswald Ducrot*, Buenos Aires, Eudeba.
- (2002): "Enunciação e Acontecimento", em *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*, Campinas, SP, Pontes.
- (2001): *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português*, Campinas, Pontes, 2ª ed.
- (1998): "Interdiscurso, textualidade e argumentação", *Signo y Señá*, nº 9, junio, Buenos Aires, pp. 425-436.
- Koch, Ingeborg G. V. (2000): *Argumentação e linguagem*, São Paulo, Cortez, 6ª ed.
- Larsen-Freeman, Diane y Michael H. Long (1994): "Factores sócio-psicológicos", em *Introducción al estudio de la adquisición de segundas lenguas* [1991], Madrid, Gredos.
- Moura Neves, Maria Helena (2000): *Gramática de Usos do Português*, São Paulo, Ed. UNESP.
- Orlandi, Eni Puccinelli (2000): *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*, Campinas, Pontes.
- (1996): "Funcionamento e Discurso", em *A linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso*, Campinas, Pontes, 4ª ed., pp. 115-133.
- Perini, Mário Alberto (2000): *Gramática descritiva do português*, São Paulo, Ática, 4ª ed.
- Santos, Helade S. (2005): *Quem sou eu? Quem é você? Será que a gente pode se entender? As representações no ensin/aprendizagem do espanhol como língua estrangeira*, São Paulo, FFLCH, USP. Disponible en <http://www.teses.usp.br/>.
- Serrani, Silvana (2003): "Memórias Discursivas, Línguas e Identidades Sócio-culturais", em Organon, Porto Alegre, UFRGS, pp. 283-298.
- (1993): *A Linguagem na Pesquisa Sócio-cultural: um estudo da repetição na discursividade*, Campinas, SP, Ed. UNICAMP.
- Siegel, Jeff (2003): "Social context", em Catherine J. Doughty y Michael H. Long (comps.) *The handbook of second language acquisition*, Blackwell, pp. 178-223.
- Silva, Marcos Mauricio Alves da (2006): *O aprendiz (em) cena: o contato com a língua espanhola e a criação de um espaço ficcional*, São Paulo, FFLCH, USP. Disponible en <http://www.teses.usp.br/>.
- Sousa, Greice de Nóbrega e (2007): *Entre línguas de negócios e de cultura. Sentidos que permeiam a relação do brasileiro com a língua inglesa e a espanhola*, São Paulo, FFLCH, USP. Disponible en <http://www.teses.usp.br/>.